



VIOÊNCIA

Beth “era como se fosse a nossa avó”

Professora morta a facadas por aluno de 13 anos foi velada ontem. Agressor aguarda definição de medidas socioeducativas

» MARIANA ALBUQUERQUE*

O corpo da professora Elisabeth Tenreiro, 71 anos, morta a facadas por um aluno da Escola Estadual Thomázia Montoro, em Vila Sônia (Zona Oeste de São Paulo), foi velado, ontem, na capital paulista. Na porta da escola, foi estendida uma faixa com a mensagem “professora Elisabeth presente, chega de violência” e muita gente depositou flores no local. Pais e alunos acenderam velas e levaram rosas brancas em homenagem à professora Beth, como era chamada pelos colegas e alunos. O governo do estado decretou três dias de luto oficial. A escola permanecerá fechada até o fim de semana.

O crime ocorreu na manhã de segunda-feira. Um dos alunos entrou na escola armado com uma faca e, além da professora, atacou mais cinco pessoas. Mesmo com os braços enfaixados pelas três facadas que levou, a professora de história Rita de Cássia Reis fez questão de comparecer ao velório da colega de trabalho. Ela disse que terá dificuldade para retornar à sala de aula, mas que a dor física “é o de menos”. “Ele veio para cima de mim. E foi tudo muito rápido. Não consigo nem lembrar de quando saí da escola, quando cheguei ao hospital. Na sala onde eu estava tem bastante sangue, que é meu. Mas, na sala do lado, tem o sangue da minha colega que acaba de ser enterrada”, relatou, emocionada.

Paulo Silva, de 18 anos, lembrou com carinho da professora Beth. “Ela ajudava os alunos até em questões pessoais. Era a única professora que se preocupava com os problemas das nossas vidas. Era como se fosse nossa avó.” Segundo estudantes que testemunharam os ataques, a professora foi atacada pelas costas enquanto olhava o celular na mesa da sala de aula.

Depois de imobilizado por duas professoras, o autor dos ataques foi levado para a delegacia

BRUNO ESCOLASTICO/ESTADÃO CONTEÚDO



O sepultamento da professora Elisabeth Tenreiro, em São Paulo, assassinada a facadas por um aluno de 13 anos, foi marcado por comoção e homenagens

de polícia acompanhado dos pais. No início da noite, seguiu para o Juizado da Infância e da Juventude e, depois, para o Instituto Médico Legal (IML), onde se submeteu a exame de corpo de delito, antes de ser transferido para uma unidade da Fundação Casa, instituição que recebe crianças e adolescentes.

Ontem, o menino prestou depoimento à Promotoria de Justiça de Infância e Juventude da capital paulista. Após a oitiva, retorna à unidade da Fundação Casa, onde aguardará, por prazo máximo de 45 dias, a audiência de apresentação, na qual será definida a medida socioeducativa que deverá cumprir. O prazo máximo de internação em unidade especializada, caso seja definida pela Justiça, é de três anos.

A polícia de São Paulo informou que pedirá a quebra de sigilos telefônicos e de dados para apurar se o adolescente recebeu ajuda ou orientação de um mentor para executar o ataque. Os computadores e telefones celulares usados por ele para acessar a internet passarão por perícia técnica. De acordo com a polícia, o menino chegou a postar, em sua conta no Twitter, que cometeria o crime. No tuíte, escreveu que esperou “a vida inteira” por esse dia. Em depoimento, informou à promotoria que planejava o ataque havia dois anos.

As redes sociais dele também serão analisadas pela Polícia Civil, e as contas com as quais interagiu também serão analisadas. Investigadores estiveram na escola, na manhã de ontem, para

recolher as imagens das câmeras de segurança que registraram a movimentação do menor até o momento dos ataques. Em uma primeira avaliação, os policiais não viram ninguém acompanhando o menino, que, aparentemente, agiu sozinho. Segundo o secretário de Segurança do estado, Guilherme Derrite, todos que curtiram ou postaram comentários nas redes sociais do agressor também serão investigados.

“Perfil agressivo”

No início de março, o adolescente foi transferido da escola estadual José Roberto Pacheco, em Taboão da Serra, na Grande São Paulo, para a Escola Thomázia Montoro, onde praticou o ataque. Segundo uma das

coordenadoras da escola estadual, o adolescente postava fotos com armas e simulava ataques violentos. Ele chegou a usar um aplicativo de mensagens para enviar fotos de armas a outros alunos, o que causou temor em alguns pais. Por isso, a direção da unidade de ensino decidiu registrar um boletim de ocorrência apontando que o aluno tinha “um comportamento suspeito nas redes sociais, postando vídeos comprometedores, como, por exemplo, portando arma de fogo, simulando ataques violentos”. De acordo com um colega de turma, o autor dos ataques se envolvia com frequência em brigas e discussões, inclusive fazendo ofensas racistas. “Ele ameaçava de morte, falava: ‘Vou matar todo mundo.’”

» No Rio, plano era repetir Columbine

Um estudante carioca foi apreendido pela polícia por planejar um atentado a tiros contra os colegas da escola em que estuda, no Rio de Janeiro. A decisão foi da juíza Vanessa Cavalieri, da Vara da Infância e Juventude do Rio de Janeiro. O caso foi revelado pelo jornal *Folha de S.Paulo*. O nome do colégio não foi divulgado.

O plano, segundo o jornal, era atirar nos alunos no mesmo dia do massacre de Columbine, que ocorreu nos Estados Unidos em 20 de abril. Todos os detalhes foram percebidos a tempo por um alerta do Google, que identificou o risco em um vídeo postado pelo adolescente no Youtube. Além da internação, a juíza solicitou busca e apreensão em todos os endereços que tivessem ligação com o jovem.

Na Thomázia Montoro, segundo relatos de estudantes, a professora Beth chegou a apartar uma briga entre o autor dos ataques e um colega, que reagiu ao ser chamado de “macaco” pelo menino. A professora Rita narrou um incidente semelhante. Disse que o autor dos ataques “era quieto, mas agressivo, não levava desaforo, brigava por qualquer coisa”. “Sou professora de história, meu conhecimento de psicologia e pedagogia é pouco, não saberia traçar um perfil. Mas sei que é um perfil violento, agressivo. Não conosco (os professores), mas com os colegas, sim”, contou Rita ao chegar no velório da colega assassinada.

*Estagiária sob a supervisão de Vinicius Doria

POLÍCIA FEDERAL

Turismo de caça ilegal em Goiás

» TAINÁ ANDRADE

A Polícia Federal (PF) cumpriu, ontem, 10 mandados de prisão, busca e apreensão para combater a caça ilegal de búfalos por colecionadores, atiradores e caçadores (CACs) em uma fazenda em Goiás. As investigações correm em sigilo, mas, de acordo com o delegado Sandro Paes Sandre, seis pessoas são investigadas — quatro com registro de CAC.

O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama) considera a ação ilegal porque ninguém envolvido na prática tem licença do órgão para caçar. A investigação começou com uma denúncia feita em 2021. Pela lei ambiental, a única espécie liberada para caça é o javali.

Uma dos investigados é um empresário de Formosa, que promovia turismo de caça em uma fazenda de Monte Alegre de Goiás, na Chapada dos Veadeiros. De acordo com a PF, o dono

MAURO PIMENTEL



Mesmo não sendo animais silvestres, caça de búfalos é proibida no Brasil

da fazenda aprendeu a caçar em uma viagem à África e, quando retornou, passou a oferecer pacotes. “Três são do Paraná e vieram caçar em Goiás. Em um vídeo (apreendido pela PF), tem a participação de pessoas da fazenda guiando os caçadores. Eles orientavam sobre onde encontrar os búfalos e como matar. Eles tinham que acertar o coração para o animal morrer. Depois, eles pegavam o sangue e passavam no rosto para serem batizados”, explicou o delegado.

Ao menos cinco “turistas” são empresários com alto poder aquisitivo. Nas buscas, a polícia encontrou cinco fuzis. De acordo com o delegado, os caçadores ostentavam as cabeças dos búfalos em vídeos na internet. Todas as licenças de CAC foram suspensas e os investigados irão responder por caça ilegal de animais asselvajados, associação criminosa, porte ilegal de arma de fogo de uso permitido e restrito, além de apoloquia criminosa e exercício arbitrário das próprias razões.

PANDEMIA

Mortes por covid passam de 700 mil

O Brasil ultrapassou, ontem, a marca de 700 mil mortes por covid-19, após três anos do início da pandemia. Os dados são do Ministério da Saúde, que reforça a importância da vacinação. O número foi registrado um ano e cinco meses depois de o país atingir 600 mil mortos. “Um número que compreende todas as trajetórias interrompidas e famílias enlutadas. Milhares poderiam ter histórias diferentes com uma ação simples: vacinação. No combate da maior crise sanitária da história do país, a ciência comprova que a principal forma de proteção contra casos graves e óbitos é a vacina”, declarou a pasta, em nota.

A trágica marca foi ultrapassada no mesmo dia em que a Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu novas prioridades e intervalo para vacinação contra a doença. O Grupo Consultivo Estratégico de Peritos em Imunização (Sage) dividiu as prioridades em alta, média e baixa. No primeiro grupo estão pessoas idosas, com comorbidades ou baixa imunidade, grávidas,

profissionais de saúde da linha de frente e crianças de seis meses ou mais com comorbidades ou com imunidade comprometida. Depois, estão adultos saudáveis e, por último, crianças e adolescentes saudáveis. A recomendação é que a população de alto risco deve tomar dose adicional da vacina contra covid-19 entre seis meses e um ano após a última dose.

Vacinação

Hoje, o desafio é aumentar o público vacinado. A primeira dose aplicada no país foi da vacina CoronaVac produzida na China. A enfermeira Mônica Calazans, que trabalha na linha de frente contra a pandemia no Hospital Emílio Ribas, em São Paulo, foi a primeira pessoa vacinada no Brasil.

A partir de então — e até o fim do governo de Jair Bolsonaro —, problemas de logística e falta de controle da disponibilidade e validade dos imunizantes por parte do Ministério da Saúde atrapalharam o plano de vacinação

nacional. Com a nova gestão, a ministra da Saúde, Nísia Trindade, garante que a pasta reassumiu o papel de condutor do processo de vacinação.

“Temos que olhar para o passado, mas, ao mesmo tempo, afirmar que o Ministério da Saúde não pode mais incorrer em erro de não coordenar, de não cuidar, de não tratar. Precisamos estar unidos para que novas tragédias não se repitam”, declarou a ministra.

O país já aplica parcialmente a recomendação da OMS sobre a utilização do imunizante bivalente BA.5. Desde o dia 27 de janeiro, está em curso a campanha para aplicação das novas vacinas em grupos considerados de risco. Quase 6 milhões de pessoas já se imunizaram nesta fase da campanha. O percentual de quem tomou apenas as duas doses iniciais não chega a 80%. O percentual cai para 50% da população quando se avalia a cobertura com a dose de reforço. A pasta estuda incorporar a vacina contra covid-19 no Plano Nacional de Imunização (PNI). (TA)